

5

Lidando com a atitude positiva e a atitude negativa em sala de aula: o papel do professor

“O problema não é o problema. O problema é sua atitude com relação ao problema.”¹
(Kelly Young)

Como afirmamos anteriormente, um dos aspectos mais importantes do processo comunicativo é o aprendizado de uma outra cultura, a superação de barreiras pessoais presentes no contato entre duas culturas, e o relacionamento entre aquisição de cultura e aquisição de segunda língua. Vimos na análise dos dados que a atitude foi o ponto principal do processo de aquisição de segunda língua e de segunda cultura, em sala de aula de PL2-E. A grande questão é que, dependendo da atitude, nem sempre as barreiras pessoais são superadas.

As atitudes, que se desenvolvem na infância e são resultados de atitudes dos pais ou da família, de contato com diferentes pessoas, e da interação de fatores afetivos na experiência diária, formam parte das nossas percepções sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre a cultura em que vivemos. É importante que os professores atentem para o fato de que os aprendizes podem apresentar tanto atitude positiva quanto atitude negativa.

O papel do professor é muito importante em sala de aula para diminuir ou até mesmo extinguir os estereótipos pré-existentes que prejudicam o aprendizado da segunda língua. Nosso objetivo, com esse capítulo, é apresentar algumas possibilidades de trabalhar os pronomes e as formas de tratamento em sala de aula, a fim de amenizarmos os casos de atitudes negativas, usando, como suporte, os casos de atitude positiva.

A atitude negativa pode ser mudada pela exposição à realidade, como por exemplo, quando um aluno fica imerso na cultura da língua alvo, interagindo com os falantes nativos. Pudemos ver que a interação com os brasileiros é uma das estratégias de aprendizagem preferida pelos alunos que participaram da pesquisa.

¹ Citação localizada na página <http://www.e-empendedor.com.br/artigos/art003.php>. Acesso em 2 de dezembro de 2007.

Por outro lado, sabemos que há alunos que, por motivos pessoais, não interagem com os brasileiros, preferindo as explicações dadas em sala de aula. O mesmo pode acontecer nos casos das salas de aula de português como língua estrangeira, em que os alunos dependem das informações passadas pelo professor.

Segundo Byram (1991), o objetivo do ensino de uma nova cultura não deve replicar o processo de socialização experimentado pelos nativos da cultura, mas sim desenvolver uma compreensão intercultural. Sendo assim, é fundamental que o professor exponha a cultura e a língua aos alunos, com o máximo de exemplos, para que o aluno entenda que determinado aspecto lingüístico faz parte dessa cultura, mas fazer uso desse aspecto é uma escolha deles.

Primeiramente, é imperioso destacar uma das principais características da cultura brasileira: a proximidade e o distanciamento. De acordo com DaMatta (2001, pp. 28/29), no espaço da *casa* estão as relações pessoais, isto é, relações de familiaridade, afetividade. A casa é o lugar em que se estabelece uma identidade social; simboliza o espaço da ordem, da segurança, o lar. Por outro lado, no espaço da *rua* encontramos relações indiferentes, impessoais, sem amizade. O autor afirma que “temos que nos dar conta de que vivemos numa sociedade onde a casa e a rua são mais do que espaços geográficos. São modos de ler, explicar e falar do mundo”.

Uma possibilidade de apresentarmos esses dois espaços e a influência da cultura na língua é através das histórias em quadrinhos e dos cartuns. De uma maneira cômica e, muitas vezes irônica, esses gêneros, em especial os quadrinhos, tentam reproduzir uma conversação natural. Sendo assim, é um importante instrumento a ser levado para sala de aula. De acordo com Júdice (2005, p. 40/41):

Um primeiro ponto a ressaltar em relação ao uso dos quadrinhos no ensino de língua estrangeira é a universalidade do gênero e a acessibilidade dos textos nele configurados, decorrente da associação de imagem e palavra.

Dentre algumas características citadas pela autora, esse material é muito importante para nós porque favorece o contato com variações da língua-alvo relativas a grupo social, região e situação de interlocução representadas nas interações entre os personagens.

Segundo Marinho (2004, p. 111):

As Histórias em Quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário que, para Bakhtin (1993) aparecem em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e que, muitas vezes em função do enredo desenvolvido, englobam os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal espontânea. Outra característica é o fato de que, segundo Assis (2002), os gêneros produzidos na interface oral/escrita são necessariamente secundários, como é o caso das HQs².

Para Ramos (2006), quando falamos em Histórias em Quadrinhos, podemos englobar a caricatura, que é a deformação das características do ser representado, a charge, quando um fato jornalístico é trabalhado, o Cartum, que é semelhante à charge, mas atualizada diariamente, a história em quadrinhos propriamente dita e as tiras, que seriam um subgrupo das histórias em quadrinhos.

Sendo assim, observemos a tira³ abaixo:



Ilustração 5.1: Tirinha 1

Conforme podemos notar, é comum as crianças no período do Ensino Fundamental (primeiro segmento) se dirigirem à professora por “tia”, já que para elas a escola é a continuação do espaço da casa. Em outras culturas, conforme vimos na redação de um dos alunos, esse tipo de tratamento seria considerado um desrespeito à autoridade do professor.

Como apresentamos na introdução, é bom que o professor mostre ao seu aluno que o português apresenta um sistema ternário de tratamento (Santos, 2003, p. 36) e que, juntamente com os conceitos de proximidade e de distanciamento, vão modelar o uso no nosso dia-a-dia:

² HQ – História em quadrinhos.

³ Os quadrinhos e Cartum usados neste capítulo foram tirados do jornal O GLOBO e O DIA, em datas variadas.

BRASIL: TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO



Aê, doutror, tenho cinco mísseis antiaéreos de alta precisão, monitorados por satélite, apontados em sua direção, portanto...vai passando o relógio.

Ilustração 5.3: Cartum 1

Os cartuns são outro material importante para ser utilizado em sala de aula, já que “apresentam um componente de humor e sátira sobre fatos, idéias, enfim sobre um aspecto social” (cf. Júdice, op. cit.). Notamos no cartum acima que basta que uma das pessoas esteja bem vestida para que ela seja tratada por doutor.

Ainda em relação ao distanciamento, é importante que o aluno tenha conhecimento dos contextos em que ele poderá usar o pronome *senhor/senhora*:

Gente fina

Bruno Drummond



Email: gente fina@oglobo.com.br

REVISTA O GLOBO - 02/07/2007

Ilustração 5.4: Tirinha 3

Nesta tirinha, notamos que, novamente, o uso da forma de tratamento *o senhor* marcou um distanciamento e, inclusive, uma situação de hierarquia (garçom – cliente).

O tratamento *você* é normalmente usado em diferentes contextos, e marca uma neutralidade na interação. Para que possamos verificar se há proximidade ou distanciamento entre os participantes, precisamos atentar para as formas de tratamento usadas: títulos, primeiro nome ou sobrenome, formas de tratamento especiais (cara, querida, amigo...), entre outras. Esse pronome é muito usado pelos alunos estrangeiros, já que eles sabem que, por ser uma forma padrão, dificilmente correrão o risco de errar (cf. Santos, 2003).

O pronome *tu* usado com a flexão verbal de terceira pessoa, normalmente, marca uma proximidade entre os participantes. No Rio de Janeiro, esse pronome é muito usado entre os jovens:

Gente fina ■ Por Bruno Drummond



Ilustração 5.5: Tirinha 4

Percebemos, nesta tirinha, que em um mesmo diálogo os amigos usam tanto o tratamento *você* quanto o pronome *tu*. Muitas vezes, diálogos como este são presenciados pelos alunos estrangeiros que, se não estiverem bem informados, podem acreditar que se trata de um uso comum, podendo ser usado indiscriminadamente. Por isso, esta tirinha é um bom exemplo para ser levado para sala de aula.

Outro exemplo de atividade para sala de aula é o elaborado pela professora Adriana Albuquerque⁴, encontrado no anexo 9. Nessa atividade, a tirinha também explora a interação entre jovens cariocas. É um bom exemplo para se aplicar em sala de aula, já que trabalha com a interação espontânea entre jovens amigos e aborda, através de um exercício, a possibilidade de uma interação entre pessoas que não têm tanto contato.

Outro fato que precisa ser apresentado em sala de aula é que o pronome *tu* é, também, recorrente em diferentes regiões do país⁵:

⁴ Material didático da PUC (apostila), nível III, ministrado pela professora Adriana Albuquerque, página 27, semestre 1, 2006, inédita.

⁵ <http://www.xaxado.com.br/>



Ilustração 5.6: Tirinha 5

Normalmente, os livros didáticos não apresentam esse uso. Portanto, é fundamental que o professor o apresente.

Diante deste panorama, há muitas possibilidades de se trabalharem os pronomes e as formas de tratamento em sala de aula de PL2-E. Apresentar o uso do tópico a partir de diferentes gêneros textuais pode ser enriquecedor. Segundo Marcuschi (2003, p.12/13):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária com *padrões sócio-comunicativos característicos* definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Os gêneros constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: *sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Existem diferentes atividades comunicativas que podem ser utilizadas com diferentes gêneros textuais. Assim como explorar os quadrinhos em sala de aula, como apresentamos anteriormente, a produção de e-mails também é uma boa alternativa de comunicação escrita, em diferentes contextos de uso. A atividade seguinte foi proposta pela professora Adriana Rebello⁶:

⁶ Material didático da PUC (apostila), nível V, ministrado pela professora Adriana Rebello, página 45, semestre 1, 2006, inédita.

PROGRAMA FURADO (<http://oglobo.globo.com/online/> - 24/03/2006)

Meia-entrada inteira – A IDA AO Chemical Music Festival me rendeu uma desagradável surpresa: entradas de estudante não eram vendidas na hora, só inteiras. Perguntei ao bilheteiro a razão e ele desconhecia. GISELE OLIVEIRA, por e-mail.

a) Crie uma resposta para a reclamação acima, imaginando que você é o/a relações públicas do estabelecimento.

b) Escreva um e-mail para seu amigo contando o que aconteceu com você.

A produção de diálogos também pode ser bastante enriquecedora. Algumas possibilidades em que se pode explorar uma situação formal e uma situação informal, respectivamente, seriam:

Situação 1 – Procurando um emprego – Você é um aluno estrangeiro e vai procurar emprego em um curso. Precisa convencer a dona do curso de que, apesar de não ter experiência, é perfeito para o cargo de professor.

Situação 2 – Marcando um programa para o fim de semana – Você encontra uma amiga na praia e decide convidá-la para um aniversário na casa da sua família brasileira.

Além dessas atividades, podemos explorar, por exemplo, os bate-papos por computador (atividade que já tem sido realizada na PUC-Rio) (cf. Rebelo, 2006).

Como vimos, as possibilidades são muitas e é dever do professor estar sempre buscando novas fontes e criando diferentes e criativas atividades, para enriquecer suas aulas e amenizar os choques culturais.